

INSTITUTO AGRÁRIO DO CHIMOIO

A CRISE FICOU PARA TRÁS

Basta dar uma volta pelas empresas agrárias do país, para se ver a enorme necessidade que têm de técnicos. É coisa sabida. Por isso o Instituto Agrário do Chimoio, o único de nível médio em Moçambique, é tão importante.

Em crise desde a Independência, só a partir do ano passado esta escola conseguiu resolver os seus problemas mais graves. A visita em Maio de 1980 do Ministro da Educação e Cultura marcou o início da mudança com a colocação duma nova direcção e a formação da empresa agrícola do Instituto.



Ainda na década de 60 um agricultor de Manica ofereceu ao Governo colonial uma herdade para ser criada a escola de Regentes Agrícolas que veio a existir em 68. Depois veio a crise com a quase

paralisação da escola até 1978. Neste ano houve a primeira grande incorporação de 154 alunos. Entretanto os graves problemas que esta escola atravessou só começaram a ser resolvidos no ano pas-

sado. A crise foi bastante dura nesta escola. Falta de professores, de material para dar as aulas, de condições de internamento, levaram a uma desorganização quase geral. Foi um pouco o reflexo da

situação difícil vivida por aquela província de 76 a 79.

Em 1979 saíram 30 alunos graduados e em 1980 já saíram 90. Os alunos entram com a 9.ª classe e em três anos são preparados como técnicos médios agrários em quatro especialidades: Agricultura, Pecuária, Sivicultura e Mecanização. Esta última especialidade, só surgiu há dois anos. Este ano vão sair 26 para a Agricultura, 22 para a Pecuária, 21 para a Sivicultura e 32 para a Mecanização. São 101 técnicos, número bem reduzido para o tamanho e para as necessidades do país, tanto mais que muitos deles, como soubemos, serão ainda desviados para tarefas de direcção em muitas empresas formadas ou em formação.



HOJE VÊM DO CAMPO

E de onde vêm os alunos? Até 1979 a maioria dos alunos vinha das escolas das cidades que é onde se faz a 9.ª classe. A partir de 80 começam a vir quase todos das 8 escolas Agrárias que existem espalhadas pelo país. Estes alunos diz-nos o director da escola, têm uma melhor atitude para com o trabalho no campo. Em contrapartida vêm com muitas deficiências nas disciplinas básicas, o que os obriga, a eles e a nós, a um esforço suplementar. Porém, continua Mota Cardoso, o tipo de avaliação que temos, e a situação de internato permitem uma recuperação razoável a todos eles. Por isso temos praticamente 100% de aprovações. Logicamente isto acontece pela fragilidade das escolas Agrárias no que respeita a professores.

Actualmente o Instituto tem 331 alunos, dos quais 152 no 1.º ano, 78 no 2.º ano e 191 no último. Dos 31 professores, 21 são estrangeiros. Os nacionais foram formados no próprio Instituto através dum método de preparação psicopedagógico em curso desde 1979. Os alunos que demonstram interesse e capacidade para a docência são integrados a partir dos 2 anos em aulas específicas suplementares. Assim se tem resolvido o problema de quadros moçambicanos para a escola.

Actualmente a escola não tem falta de professores. Também em

material didáctico, pelo que vimos, está bastante bem equipada. Grandes problemas são a alimentação e o estado das construções novas do Instituto, este último com maiores implicações a longo prazo.

O CHÃO A PARTIR-SE E A TERRA A PERDER-SE

A nova escola começou a ser feita ainda antes da independência. De lá até cá, tem continuado aos soluços. Hoje para além da falta de salas de aulas, da inexistência duma oficina própria (adaptou-se para o efeito o pavilhão desportivo) e duma piscina meio construída e já muito estragada, pode-se ainda ver o pavimento de muitas salas já todo a rachar. E a escola tem apenas 1 ano e meio de funcionamento.

A alimentação actual é muito má como nos disseram os alunos, mas tem boas perspectivas para os próximos anos. Com cerca de 3750 hectares, algumas infra-estruturas e bastante privilegiadas em recursos técnicos, as possibilidades agrícolas do Instituto estavam sem qualquer aproveitamento. Serviam quase só para os alunos praticarem. Na última campanha plantavam 10 hectares de milho, 10 hectares de girassol, 2 hectares de feijão-manteiga e 3 de batata.

A nova empresa do IAC vai cultivar para a próxima campanha 250 hectares de milho, 150 de girassol, 50 de trigo, 50 de feijão-

-manteiga, 10 de soja, 10 de batata, 15 de mandioca, 22 de citrinos, 7 de horta e 80 de «star-grass» (para gado). Prevêem ainda obter 24 toneladas de carne de porco, 12 de pato e 250 000 ovos. Para isto contam com 172 trabalhadores, um técnico de pecuária e 2 regentes agrícolas. O que ainda não está completamente resolvido é a articulação escola/empresa no que respeita ao trabalho e ao rendimento. Está claro que a escola tem que pagar à empresa os produtos que adquirir, mas parece que a empresa também tem que pagar à escola o trabalho prestado, a fim de tentar a auto-suficiência bem possível aqui.

Este trabalho dos alunos na empresa tem principalmente uma finalidade de ver na prática o que aprendem nas aulas e, mesmo, de procederem a certas investigações. Como é lógico essa prática não se limita às culturas do plano da empresa. Alargam-se a outras, mas em pequenas extensões. Até agora o período de estágio tem sido de dois meses e meio passado em várias empresas agrárias, mas vai brevemente passar para seis meses.

É de salientar ainda que os melhores alunos de cada curso têm ido para a UEM. No ano passado foram os três melhores finalistas. Este ano serão quatro, pois já há finalistas do curso de mecanização. Estão também a estudar no exterior três alunos dos melhores de 1980